

Do ethos à ética

- Guaraciaba Tupinambá

Na ambição de estabelecer o controle dos corpos, seres humanos de uma determinada ordem impõem a outros seres humanos, que estejam fora dessa ordem, regras e medidas. O controle dos corpos é um requisito essencial para a regulação da conduta conforme uma dada ordem. A esse processo de imposição pode-se nomear de diferentes modos e formas: civilização; evangelização; aculturação; movimento (ecológico; revolucionário; contracultural; nacional socialista; fascista; comunista etc.); etc.

Quem determina a ordem que quer trazer à ordem o que se encontra fora dela? A resposta é: o *ethos*. Aqui entendido como o lugar primitivo que por hábito, repetição, acaba por determinar o ser. Ser, portanto, é corresponder a um determinado *ethos*. A cada instante, momento, presente, emerge uma conduta em conformidade com um determinado *ethos*.

O momento, a duração, o tempo, não deve ser tomado em sentido cronológico, e sim de permanência de sentido. Sua permanência e repetição é efeito do esquecimento (nano, micro, mínimo) e da satisfação, do contentamento, do sentimento de justo, de adequado, de bem, em face de *isso* (o acontecimento, o que se dá nesse instante).

O corpo, o nome e o *ethos* dominante são os elementos que dão ao indivíduo da espécie humana a condição de ser humano. Um corpo masculino, um nome José, um *ethos* dominante: carpinteiro.

Em relação ao corpo e seu DNA, ao nome e seu CPF, RG, filiação..., parece não haver dúvida acerca da definição de quem se trata.

Quanto ao *ethos* dominante, aquele que define o ser no instante, esse pode expressar tanto os tipos mais gerais: ateu ou crente, onívoro ou vegetariano, esquerdista ou direitista...; quanto os mais particulares ou singulares: crente protestante, vegetariano vegano, esquerdista anarquista.

O *ethos* é a fonte de duas expressões de vida: a etológica, própria de uma determinada espécie (mamíferos, por exemplo), nos termos estabelecidos Konrad Lorentz, e a ética, específica da espécie humana, nos termos de Aristóteles e da tradição filosófica ocidental.

No que concerne à ética, o comportamento ético é a expressão de um determinado *ethos* (enquanto unidade significativa mínima, comum a um mínimo coletivo da espécie), num determinado instante (momento presente, o agora...).

Dizer que sou a expressão de um *ethos* dominante é afirmar o papel prevalente desse *ethos* sobre os demais que poderiam, pela memória do corpo, emergir em seu lugar.

Aqui, quem fala é o acadêmico de filosofia. No entanto, poderia ser o cinéfilo (espectador, cronista, que prefere thriller e filme noir a outro gênero), o político (liberal canhoto) e mais.

Atravessado por diferentes *ethos* ao longo do tempo (num instante, noutro instante...), o corpo expressa o que é agora, o seu ser *esse*, as intensidades advindas do *ethos* que emerge agora de forma dominante sobre os demais *ethos* (que não são expressos nesse instante). Diante de si as forças inexoráveis do acaso e do outro.

Ser outro, ser *esse*, o do instante, soa estranho quando se crê num eu devedor, certo e preciso, com contas a prestar, diante dos homens, judicial ou extrajudicialmente, ou diante da divindade, seja ela uma ou múltipla.

De outro modo, tal como proponho, é possível admitir que o corpo e o nome podem a cada instante expressar um *ethos* distinto, de tal forma que *esse* que se torna, anula *aquele* que se extingue, ainda que permaneçam o mesmo corpo e o mesmo nome.

- Guaraciaba Tupinambá é cinéfilo, apaixonado por futebol e professor de Ética e Filosofia do Direito na Universidade Federal do Amazonas - Ufam.

A equipe do CIÊNCIAemPAUTA esclarece que o conteúdo e opiniões expressas nos artigos assinados são de responsabilidade do autor e não refletem necessariamente a opinião do site.